

## CALPÚRNIO: UM POETA A QUEM OS DEUSES NÃO SORRIRAM

---

*João Beato*  
Universidade de Lisboa

### Introdução

Irmãos de todos os homens com quem partilham a aventura da existência, os poetas não escapam às vicissitudes da história. A comprová-lo está o extenso e variado somatório de acontecimentos que, não raras vezes, se abate sobre as suas vidas nelas deixando marcas indeléveis de uma passagem mais ou menos agradável, mais ou menos feliz. Pequenos ou grandes, sombrios ou alegres, deliberados ou fortuitos, destrutivos ou auspiciosos, todos esses acontecimentos acabam por exercer uma inegável influência nas suas vidas e obras. Desconhecer esta influência é ignorar o rasto de verdade que perpassa no poema de Torga denominado «Bucólica», quando escreve: «A vida é feita de nadas: / de grandes serras paradas / à espera de movimento; / de searas onduladas / pelo vento; / de casas de moradia / caídas e com sinais / de ninhos que outrora havia / nos beirais; / de poeira; / de sombra de uma figueira; / de ver esta maravilha: / meu Pai a erguer uma videira / como uma mãe que faz a trança à filha»<sup>1</sup>.

Sendo a trajectória da vida humana basicamente delineada por duas componentes indissociáveis, o sonho e a realidade, a que, não escapando qualquer mortal, também não escapam os poetas, por mais inspirados que se considerem, não é de admirar que, por vezes, se

---

<sup>1</sup> M. Torga, *Poesia Completa*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000, 103-104.

sintam deveras confrontados, quer com a leveza do sonho quer com a dureza da realidade. Normalmente agrupados em círculos de âmbito cultural, estético, literário ou político e movendo-se num mundo repleto de influências, ora convergentes ora divergentes, os poetas são com frequência alvo do poder instalado.

Com efeito, os detentores do poder têm, muitas vezes, como objectivo fundamental instrumentalizá-los, incentivando-os ao louvor, quando os consideram benéficos para a acção que desenvolvem, ou reduzindo-os ao silêncio, quando os julgam maléficos para a política que seguem.

Uma análise genérica da literatura universal leva-nos, de imediato, a verificar serem muitos os exemplos de literatos, prosadores ou poetas que, neste domínio, assumiram sem ambiguidade posições claras e inequívocas, quer de denúncia quer de acomodação ou de encómio frente ao poder estabelecido.

Se tivéssemos de enumerar a nível do comportamento essas diversas atitudes estritamente assumidas pelos poetas, como criadores de arte, frente ao poder instalado, era natural que as pudéssemos reduzir a três:

- a) uma atitude de contestação expressamente adoptada;
- b) uma atitude de conciliação relativamente assumida;
- c) uma atitude de incensação claramente perfilhada.

Ora, esta diversidade de atitudes que, de uma forma geral, se afigura ser uma constante na literatura universal, verifica-se igualmente ter a sua aplicação, de um modo particular, na literatura latina.

Com efeito, quando pretendemos analisar, por exemplo, a atitude de Tito Calpúrnio Sículo, poeta da segunda metade do séc. I d. C., frente ao poder dominante no seu tempo, somos facilmente levados a concluir que ele se deve ter debatido com a necessidade de assumir uma das três possíveis atitudes que se lhe deparavam. Aliás essa dificuldade é, por certo, a mesma que nós hoje experimentamos, quando pretendemos situá-lo numa das alíneas acima enumeradas. Na verdade, se quisermos ser sinceros connosco próprios, temos de confessar que não é tarefa demasiado fácil arregimentá-lo de uma forma peremptória e absolutamente redutora apenas a uma delas. Por um lado, a escassez de argumentos internos, e, por outro, a falta de elementos externos, levam-nos necessariamente a sentir uma certa dificuldade em formular um juízo categórico e absoluto a tal respeito. Ainda assim, a termos de emitir uma opinião, estamos convictos, pelo conhecimento que uma leitura atenta e reflectida da sua obra nos permitiu adquirir, de que Tito Calpúrnio Sículo:

a) não contesta clara e frontalmente um poder que se lhe depara no horizonte risonho de esperanças e fértil de promessas;

b) não incensa declarada e abertamente um poder cujos efeitos práticos, apesar de pressentidos à distância, estão ainda longe de ser uma realidade viva e incontestada na vida dos homens do seu tempo;

c) não pactua pura e simplesmente com o poder dominante que então regia a *magna Roma* (Calp., *Ecl.* 4,10)<sup>2</sup>, embora julgue dever seu dar o próprio contributo para tornar realidade a expectativa que de uma forma mais ou menos larvar, nessa altura, se apoderara do povo romano.

Para nos apercebermos com mais exactidão da sua possível atitude frente ao poder instituído, vamos debruçar-nos brevemente sobre as três *Éclogas* panegíricas ou políticas que nos deixou: a I, a IV e a VII<sup>3</sup>. Nelas perpassa um determinado estado de alma que, sendo comum aos demais habitantes de Roma, encontra no nosso poeta a sua própria expressão: a voz de um povo sôfrego de mudança e ávido de novidade no seu caminhar ao longo da história.

Dada a conveniência de aqui expressarmos de uma forma relativamente adequada e sintética as manifestações desse estado de alma, vamos socorrer-nos de três palavras que, em nosso entender, correspondem aos sentimentos nele predominantes. Tais palavras são, respectivamente, esperança, realidade e desilusão. A esperança está latente na primeira *Écloga*, que, como é sabido, aponta para o futuro; a realidade predomina na quarta, que, por sua vez, se circunscreve ao presente, e a desilusão é notória na sétima, que, como é óbvio, nos reenvia para o passado.

## 1. Esperança num futuro auspicioso

O que mais surpreende um leitor desapaixonado que se ponha a ler a primeira *Écloga* de Calpúrnio, é, por certo, o poema profético de Fauno (*Ecl.* 1, 33-88) gravado na casca verde de uma árvore. Lido por Órnito a seu irmão Córidon, personificação de Calpúrnio<sup>4</sup>, tal poema

---

<sup>2</sup> A edição de Calpúrnio que utilizamos neste artigo é a de C. Giarratano, *Calpurnii et Nemesiani Bucolica, Einsidlensia Carmina*, Torino, G. B. Paravia, 1951<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Refira-se que o *corpus* bucólico de Tito Calpúrnio Sículo inclui sete *Éclogas*: quatro denominadas rústicas: a II, III, V e VI e três designadas políticas ou panegíricas: a I, IV e VII.

<sup>4</sup> Cf. L. Herrmann, «Les pseudonymes dans les Bucoliques de Calpurnius Siculus», *Latomus* 11, 1952, 34-35; J. Amat, *Calpurnius Siculus, Bucoliques; Pseudo-Calpurnius, Éloge de Pison*, Paris, Les Belles Lettres, 1991, XV.

contém em si todos os elementos inerentes a um canto profético. Desde o emissor, um ser divino, *Faunus* cuja denominação poderá provir de *favere*, favorecer ou de *fari*, predizer<sup>5</sup>, até ao receptor, o povo romano, mediante um intermediário, que na ocorrência é o nosso poeta, todos os factores convergem no sentido de fazer chegar à terra dos homens uma mensagem de esperança.

Se bem repararmos, essa mensagem do deus dos camponeses e dos pastores inclui quatro elementos fundamentais:

a) a alegria a que são convidados os pastores e, por meio deles, todos os povos que, de uma forma geral, compunham o vasto mundo romano: *uos... gaudete coloni, / uos populi gaudete mei* (vv. 36-37);

b) a eliminação das guerras e a conseqüente implantação da Paz e da Clemência: *dabit impia uictas / post tergum Bellona manus* (vv. 46-47); *candida Pax aderit* (v. 54); *insanos Clementia contudit enses* (v. 59);

c) a implantação desejada da tranquilidade e do direito: *plena quies aderit* (v. 63)... *ius aderit* (v. 72);

d) o júbilo da raça humana ante a chegada de uma nova era que o aparecimento de um cometa no céu de Roma preanuncia: *cernitis ut puro nox iam uicesima caelo / fulgeat et placida radiantem luce cometem / fugeat?* (vv. 77-79).

De todos os versos que integram o poema profético de Fauno, aquele que encerra em si a síntese de todas as benesses prometidas aos homens é, sem dúvida, o que alude à chegada da Idade de Ouro: *aurea secura cum pace renascitur aetas* (v. 42). Vislumbrada no florir das plantas, no folgar dos animais, no sorrir dos pastores, tal *aurea aetas* não deixa parado, estático ou indiferente qualquer ser que povoe a terra dos homens. Abarcando em si o mundo vegetativo (plantas), o mundo sensitivo (animais) e o mundo intelectual (pastores), é todo o universo que se afigura contagiado pela aurora de esperança que dele se avizinha. Símbolo visível dessa mesma aurora é o aparecimento de um *melior deus*<sup>6</sup> a quem se acabam de confiar os destinos do mundo romano.

<sup>5</sup> A propósito da origem e do significado de *Faunus*, cf. João Beato, Calpúrnio Sículo, *Bucólicas*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1996, n. 14, 104.

<sup>6</sup> A expressão *melior deus*, que ocorre igualmente em Ovídio (*Met.* 1, 21) e em Séneca (*Apoc.* 3, 2), refere-se, por certo, ao imperador reinante no tempo de Calpúrnio: Nero. Ao utilizar tal expressão, o poeta deve ter querido ressaltar a nova era de liberdade e de bem-estar que a chegada ao poder do jovem imperador preanunciava para o povo romano.

## 2. Realidade fértil de promessas

A esperança latente na *Écloga I* dá lugar a uma realidade fértil de promessas na *IV Écloga*. Com efeito, quando nos dispomos a ler atentamente a referida *Écloga* do nosso poeta verificamos de imediato haver nela indícios manifestos de uma realidade que parece dar os primeiros passos no coração do império: Roma. De entre os sinais mais significativos dessa realidade quatro são os que se destacam de uma forma inequívoca:

a) O primeiro é caracterizado pela chegada de um novo tempo que promete romper com o passado e não deixar alguém indiferente à sua passagem.

Sobremaneira reveladora neste sentido é a expressão de Córídon a Melibeu, quando afirma: *non eadem nobis sunt tempora* (*Ecl.* 4, 30). Na verdade, os tempos são outros porque se acaba de efectuar uma mudança radical na sucessão da dinastia dos Júlio-Cláudios, com a morte de Cláudio e a subida ao trono do jovem Nero.

A passagem do mito à história que admitimos verificar-se da *I Écloga* de Calpúrnio à *VII*, passando pela *IV*, força-nos a não considerar a expressão contida no referido passo (4, 30) desligada do contexto histórico em que foi proferida. Coincidindo com a implantação da *aurea aetas*, justifica-se plenamente que tal expressão tenha a caracterizá-la uma era de justiça, de abundância e de paz.

b) O segundo sinal tem a individualizá-lo o aparecimento de um *iuuenis deus*<sup>7</sup> para reger os destinos do mundo romano.

Identificado com Nero por quase todos os críticos literários, o *iuuenis deus* referenciado por Calpúrnio tem a caracterizá-lo alguns predicados que importa não menosprezar. Em primeiro lugar fala-se de um *iuuenis*, o que, como é óbvio, o contrapõe a uma pessoa idosa. Em segundo lugar alude-se a um *deus* e não a um simples homem. Como consequência dos referidos predicados, tal ser afigura-se inves-

---

<sup>7</sup> Não obstante a maioria dos autores identificarem a expressão *iuuenis deus* como alusiva a Nero, há um ou outro autor, como é o caso de K. Ostrand, que na sua obra *Aspects of the Reign of the Emperor Domitian*, Columbia, 1984, 6-10, o identifica com Domiciano. Tal opinião parece-nos, no entanto, carecer de fundamento. E isto por duas razões fundamentais. Uma é o facto de o contexto em que a expressão é utilizada implicar uma mudança efectuada no tempo, a qual se coaduna melhor com a sucessão de Cláudio por Nero do que com a de Tito por Domiciano. A outra é a circunstância de o vocábulo *iuuenis* se aplicar com maior precisão, ainda que de forma não necessariamente exclusiva, a Nero do que a Domiciano, em virtude de o primeiro ter atingido o poder com dezassete anos incompletos e de o segundo o ter alcançado, quando possuía já trinta anos.

tido numa dignidade suprema: a divindade. Dignidade essa que terá alcançado de uma forma não totalmente regular nem transparente<sup>8</sup>. Em terceiro lugar aponta-se para alguém que está revestido do poder decisório que lhe permite declarar a guerra ou paz (*Ecl.* 7, 83-84).

Intimamente associado ao louvor do príncipe ideal, o *iuuenis deus* surge-nos na *Écloga* IV como porta-voz dos valores da justiça, da abundância e da paz antes enunciados. De facto, uma análise objectiva da forma como o filho de Agripina exerceu o poder nos primeiros cinco anos do seu governo, o denominado *quinquennium Neronis*, leva-nos a concluir que tais anos foram marcados por uma luta esforçada contra a injustiça, a opressão e a violência que haviam ensombrado o reinado de Cláudio. A esta perspectiva a profecia de Fauno acabou por obter uma certa confirmação.

c) O terceiro sinal tem a distingui-lo a presença de uma acção benfazeja que dá mostras de contagiar o universo das pessoas e das coisas.

Reflexo dessa acção benfazeja é a mudança que se teria já operado na vida de Córidon, personificação de Calpúrnio, graças à protecção de Melibeus, por certo, uma personagem notável da corte. Quando o nosso poeta diz não se ver já forçado a colher morangos e amoras silvestres nem a mitigar a fome com o verde hibisco (*Ecl.* 4, 31-32), como fazia outrora, manifesta ter obtido uma certa ajuda que, não tendo alterado a sua condição social, pelo menos lhe terá criado uma esperança de mudança de vida. Esta esperança parece tanto mais de salientar quanto o poeta afirma, em dado passo, que, apesar de reconhecer ser mais rentável vender leite do que escrever versos, mesmo assim continua a apostar na poesia como meio para singrar na vida.

Este desejo de singrar nas letras, mediante o cultivo da poesia, levou J. Amat a escrever: «o desejo de triunfar na vida e na sociedade parece ser o traço dominante do carácter de Calpúrnio»<sup>9</sup>. Neste sentido encontra plena razão de ser a expressão do poeta quando revela ter intenção de fazer chegar *augustas ad aures* (*Ecl.* 1, 94) a réstia de esperança que continua a morar dentro de si.

---

<sup>8</sup> São por demais conhecidas as artimanhas de que se serviu Agripina para eliminar Cláudio e colocar no poder o seu próprio filho, Lúcio Domício Aenobarbo, que, mais tarde, se haveria de chamar *Nero Claudius Caesar Augustus Drusus Germanicus*. A este propósito, conf. E. Cizek, *Néron – L'empereur maudit*, Paris, Arthème Fayard, 1982, 49-57; G. Achard, *Néron*, Paris, P.U.F., 1955 (Ccl. «Que sais-je?», n.º 3029), 9-23.

<sup>9</sup> Cf. J. Amat, *op. cit.*, XV.

d) O quarto e último sinal é marcado pela exigência que recai sobre os homens de celebrar de maneira condigna o aparecimento de tal divindade.

Para chegar junto de Nero, o jovem imperador, Calpúrnio, usando a designação de Córion, julga prioritário compor um poema que, mercê da sua perfeição e à semelhança de Vergílio, lhe garanta a possibilidade de um lugar ao sol no círculo dos poetas. É por isso que, de vez em quando, dá mostras de se deixar deslumbrar pela necessidade da perfeição. É por isso que, em dada altura, solicita a Melibeus, a quem Apolo não «olha de soslaio», que lhe reveja os versos já compostos a fim de se tornarem dignos de celebrar, de forma apropriada, aquele que a natureza inteira reverencia. Atitudes tanto mais de assinalar quanto aquele cujo poder faz regozijar de júbilo o mundo campestre é o mesmo *qui populos urbesque regit pacemque togatam* (Ecl. 4, 5).

Só assim, mediante o contributo de outros, o canto de Calpúrnio alcançará o requerido grau de perfeição e de solenidade, uma vez que *magnae numina Romae / non ita cantari debent ut ouile Menalcae* (Ecl. 4, 10-11). Assegurada esta exigência de perfeição, mercê da ajuda de outros e do recurso ao *limae labor* de que falava Horácio (Ars, 291), Calpúrnio espera poder louvar de forma condigna aquele que rege os destinos do mundo.

### 3. Desilusão de um passado ilusório

Chegada a hora da verdade há muito tempo almejada, o nosso poeta, que poucos amigos terá encontrado na vida capazes de o ajudarem a subsistir e a aperfeiçoar a centelha de génio que em si brilhava, dirigiu-se então para o coração da *magna urbs*. Ao fazê-lo, estava plenamente convencido de que, uma vez aí chegado, lhe seria facultada a possibilidade de se aproximar do jovem imperador que regia os destinos do mundo romano. Mais: de se aproximar e de conseguir obter dele mesmo um aceno da sua face, uma palavra da sua boca, um gesto da sua mão que lhe transmitisse a coragem, a força e a garantia necessárias para prosseguir a sua marcha com um mínimo de dignidade e de justiça no desejado campo das letras.

Consigo carregava, porém, uma dificuldade inerente à sua condição social que poderia dificultar ou mesmo enterrar tal aproximação: a circunstância de ser oriundo de uma família pobre, ainda que honesta. A confirmação desta realidade podemos encontrá-la na *Laus Pisonis* que actualmente alguns críticos literários atribuem também a Cal-

púrnio Sículo<sup>10</sup>. Nesta obra, o autor, referindo-se, em dada altura, à sua origem, expressa-se nos seguintes termos: *Nos humilis domus et sincera, parentum / sed tenuis fortuna sua caligine celat* (*Laus Pis.* 254-255). Não obstante esta realidade endémica que desde sempre acompanhara, de maneira inexorável, a sua família, o nosso poeta jamais ousa renunciar ao projecto de se deslocar a Roma com o intuito de se abeirar do poder estabelecido e de lhe expor a situação que lhe corrói a alma. Se há procedimentos que reclamam coragem, esta é uma das virtudes que lhe não falta.

Depois de vencidos os inevitáveis entraves, que iniciativas desta natureza costumam envolver, eis que chega finalmente a Roma. Corria o ano 57 da nossa era. Na capital do mundo de então permanece vinte dias, tantos quantos os dias que durara o brilho do cometa que como um sinal premonitório iluminara os céus de Roma, no ano 54 d. C.

Uma vez iniciados os jogos, Calpúrnio encaminha-se para o anfiteatro romano mandado erigir pelo próprio imperador com quem desejava avistar-se. Depois de ter entrado no anfiteatro, é-lhe franqueado um lugar suficientemente discreto e distante de acordo com sua condição também ela distante e discreta, quando comparada com a da maioria da assistência que enchia por completo todos os espaços disponíveis.

No momento em que o nosso poeta num gesto de ousadia tenta aproximar-se da zona reservada ao imperador é-lhe barrada a passagem. Aquele que alguns apelidavam de paladino da liberalidade e de protector das artes recusa-se a ouvir a voz de um poeta que já empregara a sua própria voz para cantar o novo tempo que a chegada ao poder do *iuuenis deus* preanunciava para o vasto mundo romano

Daqui a tristeza que de imediato lhe percorre o corpo. Daqui a angústia que logo lhe invade o espírito. Tristeza e angústia que após uma breve reflexão o levam a exclamar: *O utinam nobis non rustica uestis inesset: / uidissem propius mea numina! sed mihi sordes / pullaque paupertas et adunco fibula morsu / obfuerunt* (*Ecl.* 7, 79-82).

Impedido de se abeirar daquele que regia os destinos do mundo, devido à sua humilde condição claramente estampada na indumentária pobre e coçada que vestia, o nosso poeta afirma com mágoa ter-se visto forçado a observá-lo apenas de longe: *longius* (v. 83).

<sup>10</sup> Muita e variada tem sido a bibliografia que se tem publicado ultimamente sobre a questão da autoria da *Laus Pisonis*. Para uma informação relativamente sumária sobre o assunto, cf. J. Amat, *op. cit.*, 71-76.



O jovem imperador, em cujo rosto se associavam as feições de Apolo e de Marte, nem sequer tem um olhar, um gesto, uma palavra para o poeta que alimentava o sonho de cantar com a sublimidade da sua arte o mundo romano. A esperança que sempre o enamorara acabava assim de se transformar numa amarga desilusão. Precisamente a desilusão de quem sente poder vir a ser porta-voz de um povo e a quem cerceiam para sempre a voz da sua própria voz.

## **Conclusão**

Hoje ao pensarmos na realidade nua e crua que um dia se abateu sobre Tito Calpúrnio Sículo, numa hora particularmente importante, porque única, da sua vida, em que apenas precisava de um sinal de estímulo, de apreço, de reconhecimento suficientemente capaz de lhe abrir novos horizontes no domínio da produção literária, não podemos deixar de pensar nas barreiras de silêncio e de desprezo que, não raras vezes, se abatem sobre inúmeros homens de letras e ciências do nosso tempo. Impedidos ou arredados de ingressar nos círculos culturais e científicos, onde se forjam as estratégias e se definem as políticas do poder, vêem-se de todo e para sempre impossibilitados de dar o seu indispensável contributo à reconstrução do homem e do universo. Ignorados, esquecidos, menosprezados, eles não passam daqueles que, dia a dia, engrossam o grupo dos revoltados e constituem o mundo dos poetas a quem os deuses não sorriram.